

Robert Louis Stevenson

DIABO NA GARRAFA

Capítulo 1

Na ilha do **HAVAÍ** havia um homem que chamarei de Keawe. Seu nome verdadeiro é outro, mas, como ele ainda é vivo, sua verdadeira identidade deve permanecer em segredo. Escolhi o apelido de Keawe porque ele nasceu perto de Honaunau, onde se encontram escondidos numa cova os ossos do **KEAWE, O GRANDE**. O Keawe desta história era pobre, valente e ativo. Lia e escrevia tão bem quanto qualquer professor de colégio e era um marinheiro de primeira classe. Já havia trabalhado em **VAPORES** em viagens pelas ilhas do Havaí e tinha sido piloto de **BALEEIRO** na costa de Hamakua. Mas estava a fim de conhecer o grande mundo que existia longe do arquipélago. Queria ver as cidades no continente e, por isso, embarcou rumo a São Francisco, na Califórnia.

Era uma cidade linda, com um porto excelente e muita gente endinheirada. Keawe gostou de um bairro que ficava na parte alta da cidade. Era uma colina cheia de mansões. Uma mais **SUNTUOSA** do que a outra. Olhava os casarões com o queixo caído, admirando a grama verde dos belos jardins nos dois lados da rua e pensava:

— As pessoas que vivem nessas mansões devem ser muito felizes! Não precisam se preocupar com o amanhã!

Keawe ia refletindo sobre isso quando viu uma casa menor, mas igualmente linda, muito bem pintada e cuidada. Na entrada da casa, os degraus brilhavam como prata, na escadinha em curva. O jardim era um descanso para os olhos e as janelas brilhavam como diamante sob o sol do litoral californiano. A beleza e a harmonia da casa eram tão gostosas que Keawe se deteve e ficou admirando seus detalhes, quando se deu conta de que, por detrás de uma vidraça muito limpa e transparente, um homem o observava. A imagem através do vidro era tão nítida quanto a dos peixes que Keawe via nas poças de água límpida dos recifes no Havaí. Era um homem de meia-idade, **CALVO**, mas barbudo. Seu rosto tinha uma

expressão triste e parecia respirar de modo pesado. Enquanto Keawe observava o homem, este também o contemplava e um **INVEJAVA** o outro.

Com um gesto, o homem fez um sinal. Queria que Keawe se aproximasse:

— Minha casa é muito linda! Você gostaria de conhecê-la por dentro? — falou com dificuldade e uma voz **CHIADA**.

Foi assim que Keawe conheceu a casa, da varanda frontal ao sótão, o telhado, o pátio, a casa inteira lhe parecia perfeita e muito linda em cada detalhe.

— Gostou da casa, rapaz? — perguntou o velho.

— Nossa, essa casa é um espetáculo! Se eu vivesse num lugar assim, passaria a vida inteira rindo. Mas o senhor não me parece tão feliz. Está suspirando e parece abatido...

— Você pode ter uma casa como essa a hora que quiser, rapaz, se assim desejar.

— Como assim?

— Por certo, você tem algum dinheiro em mãos.

— Sim, estou com cinquenta dólares — respondeu Keawe, que, embora não fosse estúpido, era um rapaz ingênuo, vindo do distante arquipélago do Havai.

— É uma pena que não tenha mais, pois isso poderá lhe causar problemas no futuro. Ela é sua por cinquenta dólares — falou o velho.

— A casa? O senhor quer dizer que a casa é minha por...

— Não, a casa, não. A garrafa é sua por cinquenta dólares. Eu pareço ser uma pessoa muito rica, mas esta casa e seu jardim são tudo o que possuo. Não posso vendê-la. Mas posso vender a garrafa e com ela você poderá conquistar tudo o que desejar.

Capítulo 2

O velho então abriu um grande baú trancado à chave. A porta rangeu e ele tirou lá de dentro uma garrafa com **BOJO** arredondado e gargalo comprido. Era feita de cristal branco como leite com uma textura brilhante. Dentro dela havia algo que se movia inquieto como uma chama.

— Esta garrafa é especial! — disse o velho. — Pegue.

Keawe a pegou com as mãos.

— Tente quebrá-la — sugeriu o velho.

Keawe olhou o homem com desconfiança e este fez apenas um gesto com as mãos. O havaiano então jogou a garrafa com força no chão, ela **QUICOU** como uma bola, colidiu novamente contra a parede e permaneceu **INTACTA**. Keawe a agarrou e olhou incrédulo para o vidro. Nenhum arranhão.

— Ora, vamos, ponha força! Tente quebrá-la! — provocava o dono da casa.

O jovem aceitou a provocação e forçou a barriga da garrafa contra a parede de pedra maciça, mas era como manipular um cano de ferro. Nem uma **FISSURA** aparecera no cristal leitoso do recipiente.

— Como pode isso? Estou vendo que é de vidro, um vidro bonito e delicado! Mas ela não quebra, não amassa nem arranha!

O velho riu e Keawe jogou novamente a garrafa no solo. Mas a colisão em nada afetou sua integridade.

— Que material é esse que parece cristal, mas é duro como ferro?

— É cristal — respondeu velho —, mas um cristal temperado nas **FORNALHAS** do inferno. Dentro dela há um diabo! Essa sombra que se percebe através do cristal é ele se movendo, pelo menos essa é a minha explicação para esse movimento no interior do frasco. Quando um homem compra esta garrafa, o diabo fica ao seu dispor. Tudo que o proprietário desejar: amor, fama, dinheiro, casas como esta ou até mesmo uma cidade inteira como São Francisco, vai ser seu. É só pedir.

“O senhor está falando sério?”, pensava Keawe, sem nada dizer, para não interromper o velho.

— **NAPOLEÃO** foi dono desta garrafa e teve o mundo a seus pés, mas a vendeu e fracassou. O **CAPITÃO JAMES COOK** também foi um de seus proprietários

famosos e por causa dela descobriu tantas ilhas, mas a vendeu e foi assassinado no Havaí. Quando o dono vende a garrafa, o poder e a proteção que vêm dela simplesmente desaparecem. Se o homem não estiver contente com o que possui, algo acontece a ele.

— E por que o senhor pretende se desfazer dela?

— Já tenho tudo o que quero e estou ficando velho. O diabo na garrafa não é capaz de prolongar nossa vida. Não posso esconder isso de você.

— Se a garrafa é tão maravilhosa assim, por que todos a vendem? — desconfiou o marinheiro. — Por que o senhor quer vendê-la?

— Porque se o seu proprietário morrer antes de vendê-la, arderá para sempre no inferno. Quem compra essa garrafa tem que vendê-la antes de morrer! Como estou velho, tenho medo de morrer ainda na posse da garrafa.

— Esse presente é fascinante, quero muito ter uma casa assim, mas isso parece uma loucura. E esse preço... O preço a pagar por ela... Arder no fogo do inferno! É muito alto. Não quero me meter nisso.

— Espere, jovem! É fácil, é só usar a garrafa com moderação e depois vender a outra pessoa, como estou fazendo com você.

— Senhor, como explica o fato de essa garrafa não valer quase nada do ponto de vista material? Se ela é capaz de fazer tudo o que o senhor diz, por que vendê-la tão barato?

— Essa é uma particularidade da garrafa. Quem a compra terá de vendê-la por um preço menor do que a comprou. Pode ser apenas um centavo mais barato, mas tem que ser mais barato. Se você vendê-la pelo mesmo valor ou por um preço mais alto, ela vai retornar para você! E ela retorna mesmo, como uma pomba mensageira! Quando Satanás a trouxe para a terra, ela valia milhões! Era caríssima! Foi **PRESTE JOÃO** que a comprou por muitos milhões de dólares, mas, como seu dono só pode vendê-la se perder dinheiro na transação, seu valor foi diminuindo com o passar dos séculos e hoje ela está muito barata mesmo. Eu a comprei por noventa dólares de uns ricos que vivem aqui no bairro. Poderia vendê-la por oitenta e nove dólares e noventa e nove centavos, nem um centavo a mais, senão ela voltaria para mim. Então atualmente é difícil vendê-la, pois o comprador sempre desconfia e pensa: “Como algo tão poderoso pode ser tão

barato?”. Mas você não precisa pensar nisso agora, pois ainda é jovem e pode ficar com a garrafa por muitos anos.

Keawe olhou para o homem. O que ele falava parecia inacreditável, mas era dito com veracidade. Resolveu fazer mais perguntas:

— Por que o senhor respira com tanta dificuldade? Parece uma mocinha apaixonada suspirando o tempo inteiro.

— Meu jovem, é um problema de saúde que eu tenho, minha vida está chegando ao final e não quero ir para o inferno — disse soltando mais um suspiro.

— E como vou saber se o senhor está falando a verdade? Se isso não é um truque para zombar de mim e me levar cinquenta dólares.

— Há uma forma simples de eu provar para você. É só me dar os cinquenta dólares e eu lhe dou a garrafa. Depois peça que os cinquenta dólares voltem ao seu bolso. Se o dinheiro não reaparecer na sua calça, eu cancelo a venda e lhe devolvo o dinheiro.

— O senhor não está me enganando?

— Eu juro que não. Sou uma pessoa séria. Se o que eu lhe disse não acontecer, eu lhe devolvo o dinheiro.

— Bem, vou aceitar — disse Keawe. — Afinal, nada de ruim pode me acontecer.

Entregou o dinheiro e o ancião lhe passou a garrafa. O havaiano olhou para o homem e depois, olhando para a garrafa, disse:

— Diabo na garrafa, quero recuperar meus cinquenta dólares.

Assim que terminou de falar, Keawe sentiu no bolso o peso das moedas.

— Realmente! É uma garrafa mágica! — disse espantado.

— Exato. Mas agora tenha um bom dia, meu amigo. Que o diabo o acompanhe — disse o velho, abrindo a porta e mostrando o caminho da rua para o jovem.

— Ei, espere! Eu já me diverti bastante, pode ficar com sua garrafa.

— Agora ela é sua! Eu a vendi para você por menos do que paguei e ela até já realizou um desejo seu: reaver os cinquenta dólares. Meu único desejo agora é ficar sozinho. Com licença. Passar bem!

O homem chamou seu empregado chinês que conduziu Keawe até o portão. Ainda **ESTONTEADO**, o jovem estava de volta às ruas de São Francisco.

Com a garrafa embaixo do braço, Keawe caminhava devagar e pensativo:

— Se é verdade tudo o que este homem falou, minha vida vai mudar completamente.

Resolveu parar e contar as moedas em seu bolso. Estava tudo ali. Eram quarenta e nove moedas de um dólar e uma moeda vinda do Chile. Não havia sido logrado, mas se perguntava como o homem havia conseguido tal mágica? Ainda não acreditava no poder da garrafa. Decidiu fazer um teste. Era meio-dia e as ruas estavam desertas, então Keawe olhou para os lados e deixou a garrafa na calçada e foi se afastando dela. Olhou para trás duas vezes e ela reluzia branca e sozinha sob o sol. Quando dobrou a esquina, sentiu um **BAQUE** no cotovelo, era o longo gargalo da garrafa, enquanto sua barriga de cristal estava confortavelmente acondicionada no bolso de seu casaco.

— É tudo verdade! Não posso abandonar a garrafa! — pensava Keawe com a pele do braço arrepiada.

Queria fazer mais testes, para explorar as potencialidades da garrafa. Comprou um saca-rolhas em uma loja e rumou para um local afastado, uma área verde e deserta na periferia da cidade. Enfiava o saca-rolhas e ia girando, mas, na hora de puxar, o abridor saía facilmente da rolha, que permanecia inteira e intacta, como se não tivesse sido perfurada pelo abridor.

— Esta rolha! Que coisa estranha! É muito diferente de todas que vi antes. O saca-rolhas entra nela, mas não consegue movê-la! — reclamava o rapaz suando frio, pois a garrafa lhe dava medo.

Voltou caminhando e chegou à região do porto, onde avistou uma loja que funcionava numa casinha de madeira. Era um **ANTIQUÁRIO**. Um homem de idade fazia contas atrás do balcão, quase oculto pela quantidade de vasos, baús, estátuas, pratos, imagens de deuses pagãos, pinturas, conchas de ilhas distantes e outros artefatos que marinheiros e curiosos costumavam comprar.

— Quero cem dólares por esta bela garrafa de cristal — disse Keawe com segurança, pondo sua ideia em prática.

O homem riu e disse:

— Ofereço no máximo cinco.

Keawe continuou sério. E o homem resolveu avaliar a garrafa. Tomou-a nas mãos e começou a se encantar pela formosura de seu desenho, a qualidade do

material e o estranho brilho de sua chama interna. Assim começou a negociar um preço por ela e ofereceu sessenta dólares.

Ao sair da loja, Keawe estava contente:

— Comprei por cinquenta e vendi por sessenta, nada mau! Dez dólares de lucro em pouco mais de uma hora. Quer dizer, um pouco menos, já que uma das moedas que recebi do antigo dono era chilena. Resta saber se ela vai retornar para mim...

O vendedor colocou a garrafa no centro da vitrine. Mas, quando Keawe chegou ao seu barco e abriu seu baú, arregalou os olhos ao perceber que a garrafa estava lá dentro. Havia chegado ao barco antes dele!

— O que foi, Keawe? Por que está olhando para esse baú paralisado e feito um bobo? — era Lopaka, amigo de Keawe que perguntava.

— Eu...

Keawe não sabia ao certo como contar a história, tinha medo que o amigo pensasse que havia enlouquecido, mas, pedindo sigilo, resolveu contar tudo.

— É uma história e tanto! Como você é meu amigo, eu acredito em você, Keawe.

— Mas o que você pensa de tudo isso, Lopaka?

— Acredito que essa garrafa vai lhe trazer problemas, mas uma vez que você já a comprou e que esses problemas são inevitáveis, penso que você deveria fazer uso dos poderes da garrafa. Acredito que deveria fazer pedidos a ela. Senão, de que vale ter a posse dela? Eu mesmo gostaria de comprar a garrafa de você, pois tenho o sonho de ter um veleiro e navegar como mercador por entre as ilhas.

Falar aquela história absurda para seu amigo e ouvir sobre os desejos dele deu a Keawe mais ânimo e confiança.

— Já eu não penso em ter um barco. O que eu quero é ter uma casa com um belo jardim na costa de Kona, onde eu nasci. Sabe, com o sol brilhando na porta, muitas flores, janelas de vidro reluzindo, quadros nas paredes, toalhas limpas e macias sobre as mesas, tapetes fofos no assoalho, exatamente como a casa que visitei hoje. Mas quero uma varanda maior. Quero viver nesse lugar que imagino, sem preocupações, apenas me divertindo com os amigos e parentes.

— É uma ideia fantástica — disse Lopaka. — Ainda bem que estamos voltando para o Havaí e, se der tudo certo, você terá a sua casa e eu então comprarei a garrafa de você e terei meu veleiro!

Os dois amigos entraram num acordo e o barco fez sua viagem para Honolulu.

Capítulo 3

Ainda no porto, enquanto recolhia sua bagagem, Keawe encontrou um amigo, que foi logo dizendo:

— Keawe, eu sinto muito, meus pêames...

— Por que você está falando isso? Quem faleceu?

— Você não sabe? Seu tio, aquele homem tão bom, morreu alguns dias atrás, e o seu primo se afogou perto da costa.

Eram duas notícias fortes, que deixaram Keawe muito triste. Conversou com seu amigo e soube detalhes das duas mortes recentes e se pôs a chorar. Quando parou, Lopaka fez uma pergunta:

— Esse seu tio que faleceu não é aquele que tinha terras no distrito de Kaü?

— Ele tem, ou melhor, tinha terras, mas na região das montanhas ao sul de Hookena.

— E agora essas terras são suas, Keawe? Seriam de seu primo, mas, como ele também faleceu, as terras são suas, não é?

Chorando, Keawe confirmou que era o herdeiro.

— Será que... — sugeria Lopaka com algum receio. — Será que essa herança não é obra da garrafa? Afinal, agora você já tem o terreno de sua casa!

O herdeiro enxugou as lágrimas e disse revoltado:

— Se for, essa garrafa é mesmo algo terrível, porque assassinou meus parentes! Mas pode ser que seja obra dela, sim, pois na minha imaginação, a casa está construída bem nessa região!

— Bem, de qualquer forma, a casa ainda não foi construída — falou Lopaka, tentando dar um sentido mais real para os acontecimentos.

— Não foi e provavelmente não será! Naquelas terras há uma plantação de café, suficiente para viver comodamente, mas há muita **LAVA NEGRA** também.

— É melhor você ir a um advogado. Eu vou com você.

No dia seguinte visitaram o advogado do tio, que tinha em mãos a **CARTA-TESTAMENTO** do tio. Para a surpresa de Keawe e de Lopaka, o falecido havia ficado muito rico em seus últimos dias de vida e havia deixado tudo para seu filho, que também havia morrido. Na ausência do filho, Keawe era herdeiro direto da fortuna.

— Com esse dinheiro todo, você pode construir sua casa, Keawe! — comemorava Lopaka.

— Se pensa em construir uma casa, posso lhe indicar este arquiteto, de quem ouvi maravilhas — disse o advogado.

Lopaka estava entusiasmado e falava gesticulando muito, enquanto seguiam pela rua:

— Está tudo se encaixando, só o que temos que fazer é seguir os sinais!

O arquiteto mostrou vários projetos para Keawe, mas nenhum parecia estar de acordo com a imaginação do rapaz.

— Pelo visto você quer algo fora do comum. Que tal este aqui?

Os olhos do rapaz brilharam. Era a casa que ele queria. Embora não gostasse do modo como a estava obtendo, ele preferia ficar com o algo de bom em meio às coisas ruins que a garrafa trazia.

Conversaram sobre que materiais usar, sobre a **MOBÍLIA** da casa, a decoração, o tempo de execução da obra e, quando acabaram, o arquiteto fez uma longa soma e disse o valor final da construção: era exatamente o valor herdado. Lopaka e Keawe se olharam admirados.

O rapaz pensou então que uma vez tendo feito o pedido, teria a casa por bem ou por mal, era inevitável, não poderia se livrar dela. Após a morte do tio e do primo, sabia que era o diabo que estava lhe dando a casa e nada de bom poderia vir de tal criatura. Prometeu a si mesmo que não faria mais nenhum pedido à garrafa e ficaria com a casa, pois era algo bom que vinha com o mal. Se não aceitasse a casa, ficaria apenas com o mal e isso lhe parecia ainda pior.

Assinou um contrato com o arquiteto e em poucos dias embarcou para a Austrália, pois havia decidido não participar da construção nem da decoração da casa:

— Vou deixar o arquiteto e que o diabo cuide disso. Que façam como acharem melhor. Não vou participar, o preço desta casa é muito alto, prefiro não participar — dizia para Lopaka.

A viagem foi muito boa, mas Keawe ficou o tempo todo controlando sua respiração e suas palavras, pois havia prometido a si mesmo que não faria mais pedidos nem receberia mais favores do diabo. Quando voltaram para o Haváí, o prazo de construção da casa estava acabado. Foram encontrar o arquiteto, que

disse que ela estava pronta. Os dois amigos rumaram para Kona, curiosos por saber se o resultado final tinha saído conforme o planejado.

Ela podia ser vista do mar, erguida ao pé da montanha. Acima dela o verde da mata tropical subia até encontrar as nuvens baixas. Abaixo da casa ficava um terreno pedregoso de lava negra, onde estavam enterrados vários reis do passado nativo do arquipélago. A casa era circundada por um magnífico jardim colorido de flores e arbustos. Havia um **HORTO** de mamão papaia e outro de **FRUTA-PÃO**. Na frente da casa o mastro de um antigo navio foi erguido e nele **TREMULAVA** uma bandeira. A casa tinha três pisos com cômodos grandes e sacadas com vista para o mar nos três pavimentos. Os móveis eram variados e ocupavam bem o interior da residência. Os quadros retratavam homens lutando, mulheres bonitas e barcos enfrentando o mar. Todos com cores brilhantes e emoldurados por uma tinta dourada. Havia relógios de parede de muita qualidade e caixas de música com uma definição de som excelente. A biblioteca trazia centenas de livros bem encadernados e com muitas ilustrações. Havia também armas dos mais variados lugares do planeta, dependuradas nas paredes e quebra-cabeças bonitos e de difícil resolução para entreter as noites do futuro morador solitário daquele casarão. Nas sacadas dos fundos, Keawe poderia sentir o cheiro da terra e contemplar o verde intenso da montanha e as plantas de sua horta. Nas sacadas da frente, grandes o suficiente para abrigar uma família inteira, ele poderia beber o vento vindo do mar e deixar seu olhar se perder entre os tons de azul do horizonte. De lá poderia ver, uma vez por semana, o barco que levava até Honolulu ou os rápidos veleiros de carga que seguiam perto da costa com mercadorias diversas.

Depois de examinarem a casa inteira, os dois amigos sentaram-se no **ALPENDRE**.

— Está tudo como você imaginou? — quis saber Lopaka.

— Eu não tenho palavras para explicar! É tudo ainda melhor do que eu havia imaginado!

— Bem, então tenho que considerar uma coisa a mais — falou Lopaka. — Tudo isso pode ter sido obra do **ACASO**, sem nenhuma interferência do diabo. Tudo pode ter acontecido seguindo o curso natural das coisas, sem que a garrafa tenha contribuído para nada, entende? Se eu comprasse a garrafa e ficasse sem meu veleiro, teria posto a mão no fogo por nada. Eu sei que lhe dei minha palavra de que ia comprá-la, mas gostaria que você me desse mais uma prova do poder da garrafa.

— Mas, Lopaka, eu jurei não aceitar mais favores! Acho que já estou muito comprometido.

— Certo, mas eu não pensava em um favor. Apenas gostaria de ver o diabo da garrafa. Não há nenhuma vantagem em vê-lo e, portanto, não há nada para temer ou se envergonhar nisso. Se puder vê-lo, eu me convenço de vez. Se você me deixar ver o diabo, eu compro a garrafa. O dinheiro está aqui comigo.

— Tudo bem, o que você pede é justo. Mas eu tenho medo de que o diabo seja tão feio de se ver que depois de vê-lo, que depois que ele ponha seus olhos em você, você desista de comprar a garrafa.

— Eu sou um homem de palavra, Keawe. Deixo o dinheiro aqui, entre nós dois.

— Está certo. Eu também tenho curiosidade em saber como ele é. Está preparado?

— Sim.

— Então vamos lá! Senhor diabo, apareça para nós dois!

No mesmo momento o diabo saiu da garrafa e voltou a ela no mesmo instante, rápido como um lagarto. Os dois amigos ficaram petrificados. Anoiteceu e os dois ainda não tinham falado nada, assombrados que estavam com a **APARIÇÃO**. Até que Lopaka empurrou o dinheiro para Keawe e pegou a garrafa.

— Sou um homem de palavra, amigo. Do contrário não tocaria nessa garrafa nem com os pés! Vou conseguir o meu veleiro e uns dólares e logo vou me desfazer desta garrafa, porque, tenho que confessar, conhecer o diabo me deixou muito mal.

— Lopaka, por favor, procure não pensar mal de mim. Eu sei que já é noite e que a trilha é perigosa, nesses costões junto ao mar. Não é um bom lugar para ser atravessado à noite, mas confesso que depois de ter visto a cara do diabo eu não consigo mais dormir, nem comer, nem rezar enquanto esta garrafa estiver aqui.

Vou lhe dar uma lanterna, um cesto para transportar a garrafa e qualquer enfeite de que você goste, aqui da casa, e então quero que você parta imediatamente.

— Keawe, acho que a maioria das pessoas ficaria magoada com você, com isso que você acabou de falar, principalmente depois que eu mantive minha palavra. Fazer essa trilha à noite é dez vezes mais perigoso no estado mental em que me encontro, perturbado por ter visto o diabo e por estar conduzindo a garrafa. Mas, como também estou muito assustado e não me sinto capaz de acusá-lo de nada, partirei agora mesmo e peço a Deus que você seja feliz nesta casa e que eu seja **AFORTUNADO** com meu veleiro e que nós possamos ir ao céu quando morreremos, apesar do diabo e de sua garrafa.

Lopaka se lançou na imensidão e foi contornando a encosta íngreme na noite escura. Keawe o observou pela sacada. Por longos minutos tremia e rezava, acompanhando a luz fraca da lanterna oscilando junto à lava negra onde repousavam os ancestrais daquelas ilhas, até que, após uma curva da montanha, não pôde mais **DIVISAR** seu amigo.

Capítulo 4

No dia seguinte o sol apareceu e o clima ficou tão agradável que Keawe se esqueceu de seus temores. Os dias foram passando e o rapaz ia curtindo sua casa. Gostava de ficar na varanda dos fundos, onde fazia suas refeições e ficava lendo as notícias dos jornais de Honolulu. Quando alguém aparecia, gostava de mostrar a casa, os quartos, os quadros. Aos poucos a casa foi ganhando fama na região de Kona, onde era chamada de Ka-Hale Nui, a Casa Grande. Contratou um empregado para manter os vidros, as louças, os quadros e os metais sempre brilhando, por isso algumas pessoas se referiam à residência como Casa **RESPLANDECENTE**. Se visse um navio cruzando o mar de frente a sua casa, Keawe tinha prazer em **HASTEAR** a bandeira no mastro da casa, num cumprimento. Estava contente e muitas vezes cantava sozinho, caminhando pelos corredores de seu casarão.

Dessa forma o tempo foi passando. Um dia Keawe foi à cidade de Kailua para visitar um amigo. Divertiu-se muito, mas partiu ao romper da manhã seguinte, cavalgando muito depressa, porque estava ansioso para rever sua bela morada. Além disso, aquela noite era a noite dos mortos nas cercanias de Kona e, após ter visto o diabo, não achava nem um pouco agradável encontrar um morto pelo caminho.

Mas, quando estava próximo a Honaunau, viu uma figura que o fez reduzir a velocidade e se aproximar da beira do mar. Era uma mulher que se banhava nas águas azuis do oceano. De longe, viu quando ela colocou sua camisa branca e seu **HOLOKU** vermelho. Lentamente foi se aproximando e reparou que os cabelos molhados dela brilhavam sob o sol. Seus olhos brilhavam cheios e pareciam amáveis.

— Olá, pensei que já conhecia todo mundo aqui nesta região... — disse Keawe. — Mas não me lembro de ter visto você.

— Oi, meu nome é Kokua, sou filha de Kiano, acabei de voltar de Oahu. E você, quem é?

— Eu já lhe digo quem sou. Não vou dizer agora porque talvez você já tenha ouvido falar de mim e talvez isso influencie em seu julgamento e eu preciso de uma resposta sincera para a pergunta que vou fazer. Você é casada?

Ao ouvir as palavras dele, Kokua começou a rir.

— Parece que só você faz perguntas por aqui, né? Você é casado?

— Não, Kokua, não sou. Nunca pensei em casar, até este momento. Mas vou lhe dizer a verdade: agora que a encontrei no meio do caminho, junto a essa praia, e que vi que seus olhos são como estrelas, tive de segui-la, veloz como um pássaro. Assim, se você não quiser nada comigo, diga, que eu vou embora para a minha casa. Mas, se eu não lhe pareço pior do que outro jovem qualquer, eu vou agora para a casa do seu pai, falar com ele.

A moça nada disse, apenas olhou para o mar com um sorriso no rosto.

— Kokua, vou interpretar o seu silêncio como uma resposta positiva. Venha comigo, vamos juntos falar com seu pai.

Ela nada disse, mas rumou a pé para seu lar. Ele foi atrás, caminhando também. O cavalo o seguia. De vez em quando ela olhava para trás. Quando chegaram à casa de Kiano, o homem o cumprimentou, dizendo:

— Olá, Keawe!

A moça ficou surpresa ao ouvir aquele nome, que já tinha ouvido antes por conta da construção da casa. Se casasse com ele, moraria naquela casa maravilhosa e isso era uma enorme tentação. Passaram o dia conversando na companhia de Kiano e no dia seguinte falou com o pai da moça e teve um momento a sós com ela.

— Kokua, ontem eu não quis lhe dizer quem eu era, porque possuo uma casa muito bonita e tive medo de que você pensasse mais na casa do que no homem que a ama. Mas agora você já sabe quem eu sou. Se não quiser mais me ver, diga logo.

— Eu quero — ela disse, mas desta vez sem sorrir, e Keawe não perguntou mais nada.

E assim foi o noivado de Keawe. A flecha voa rápida e a bala de um rifle mais rápida ainda e as duas podem acertar o alvo. As lembranças de Keawe eram todas preenchidas pela figura de Kokua. A moça por sua vez chegava a escutar a voz dele, enquanto as ondas se esparramavam na praia de lava seca. Tinha visto aquele homem apenas aquela vez, mas agora estava decidida a deixar seu pai e sua casa.

Em seu cavalo, Keawe viajava a passo muito lento e cantava sorrindo a alegria que estava sentindo. Quando chegou em casa, até seu empregado achou curioso que, mesmo durante o almoço, o patrão continuava cantando. O sol desceu no mar e a noite veio. Os barcos cruzavam o horizonte ao longe e Keawe continuava cantando feliz por ter encontrado sua noiva.

Resolveu acender todas as luzes da casa e, pela primeira vez, usar sua banheira com água quente, para depois dormir sozinho na suíte principal do casarão. O empregado então foi ligar as **CALDEIRAS** para fornecer água quente ao patrão. Enquanto trabalhava, ouvia o chefe cantar animado. Quando estava tudo pronto, gritou do sótão, avisando. Keawe então lhe respondeu dizendo que poderia ir dormir ou descansar, pois não precisaria mais de seus serviços. O empregado se recolheu, mas achou estranho o fato de o patrão ter parado de cantar. Imaginava que ele cantaria muito durante o banho quente. Depois ouviu os passos do patrão, percorrendo as sacadas e os corredores, por boa parte da noite, mas nada de cantoria. O que teria acontecido?, ele se perguntava.

O fato que calou a voz de Keawe foi o seguinte: ao tirar a roupa para entrar na banheira, ele notou manchas em sua pele. Eram manchas parecidas com musgos

que tomavam conta de boa parte de sua pele. Ele já tinha visto manchas parecidas antes e supôs que estava com **HANSENÍASE**.

No século XIX, as pessoas que tinham essa doença eram isoladas. Os pacientes sofriam muito com a enfermidade e com o preconceito de estranhos e familiares. Para Keawe, isso tudo era um pesadelo profundo, teria que sair de sua bela casa e ir morar na costa norte de Molokai em um **LEPROSÁRIO**. E pior, teria que se separar de sua amada, um dia após tê-la conhecido. Era como se sua felicidade fosse um vaso de cristal que tivesse se espatifado em milhares de pedaços. Por isso saiu da banheira e começou a andar sem rumo pela casa, falando sozinho:

— Eu não me importo de deixar esta região tão linda. Posso sair do Havaí, posso sair desta casa sem grande pesar. Não me importaria em viver com os outros doentes, mas não aguento a ideia de me separar de Kokua. Se eu descobrisse essa doença antes de conhecê-la, tudo seria muito mais fácil. Kokua, sem você a vida não faz sentido! Estou apaixonado, sinto muito por estar com esta doença!

Keawe era um bom homem. Muitos outros talvez preferissem continuar vivendo na casa, ocultando a doença do mundo e teriam tido sucesso nessa vida secreta e reclusa. É provável que vários outros fossem egoístas o suficiente para esconder a doença e se casar com a moça, mas Keawe não faria isso porque ela poderia também pegar hanseníase e ele não desejava nenhum sofrimento àquela moça tão bonita. Não queria causar nenhum dano ao seu amor nem expô-la a nenhum perigo.

No meio da noite, a garrafa se enfiou em seus pensamentos. Lembrou-se da imagem do diabo e o sangue congelou em suas veias. Mas lembrou também que a garrafa tinha dado a ele aquela casa e, por isso, se ele a recuperasse, era possível que a garrafa pudesse curá-lo de sua doença. Assim poderia ter

Kokua de volta. O diabo era algo horrível, a garrafa também, arder no inferno mais ainda, mas viver sem Kokua seria uma miséria à qual ele não poderia resistir.

— Se eu enfrentei o demônio para conseguir esta casa, tenho que desafiá-lo de novo para recuperar minha saúde e não perder Kokua!

No dia seguinte iria para Honolulu. Tinha que encontrar Lopaka e recuperar a garrafa.

Capítulo 5

Na manhã seguinte, escreveu uma carta para Kiano e saiu a cavalo, sem comer nada, pois não tinha apetite. Tinha que pegar o barco para Honolulu. As rochas estavam molhadas pela chuva que caía à noite e guiava seu cavalo com cuidado. Ao se lembrar de que na véspera havia passado por ali a galope, chegou a sentir um assombro na alma. Quando passou pelas lavas negras onde os chefes do passado estavam enterrados, sentiu inveja deles, livres que estavam das dificuldades da vida.

Na localidade de Hookena, como de costume, as pessoas já se reuniam à espera do barco, sentadas na varanda do grande armazém, conversando sobre as **TRIVIALIDADES** do povoado. Mas Keawe não tinha o menor desejo de conversar e ficou em um canto, contemplando a chuva que descia mansa sobre os telhados da cidadezinha. Em sua garganta se acumulavam suspiros.

Os outros comentavam que o morador da Casa Resplandecente estava abatido, mas isso era algo que todos poderiam sofrer. Quando o barco chegou, notou que a parte de cima estava cheia de **HAOLES** que tinham ido visitar o vulcão, como era costume dos turistas. No centro estavam os nativos Kanakas e na proa viajavam touros da ilha de Hilo e cavalos da região de Kaū. Keawe se posicionou afastado dos homens e dos bichos, soldado em sua dor. Quando o barco passou em frente à casa de Kiano, sentiu seu coração estremecer. Havia um ponto vermelho, um conhecido vestido vermelho que se movimentava no jardim.

— Ah, rainha do meu coração, eu vou arriscar minha alma para ter você de volta para mim — falou baixinho, olhando para sua amada ao longe.

Quando anoiteceu, os Haoles se reuniram para beber uísque e jogar cartas, mas Keawe continuou andando sem rumo pelo barco. Amanheceu e durante todo o dia seguinte ele permaneceu zanzando pelo barco como um animal enjaulado. Entardecia quando **ATRACARAM** em Honolulu.

Foi um dos primeiro a pisar em terra firme e logo começou a perguntar por Lopaka.

— Ah, o Lopaka comprou um excelente veleiro e partiu em busca de aventuras, parece que foi para Pola-Pola — disse um conhecido.

Keawe decidiu então procurar um advogado, amigo de Lopaka, talvez ele tivesse mais informações e soubesse da garrafa. Perguntou por ele e disseram que havia se mudado recentemente para uma bela casa às margens de Waikiki. Era um sinal de que poderia estar com a garrafa. Pensando em sua noiva, tomou uma condução e partiu direto para lá.

— Que posso fazer pelo senhor? — disse o advogado.

— O senhor é amigo de Lopaka e ele me comprou um objeto que acredito que o senhor possa me ajudar a encontrar.

O rosto do advogado se fechou.

— Não vou fingir que ignoro o assunto que o senhor traz à tona, senhor Keawe. Mas é um assunto muito desagradável em que eu não gostaria de tocar. Não posso lhe dar nenhuma informação segura, mas neste bairro aqui talvez o senhor encontre o que procura.

O advogado lhe passou o nome de uma pessoa e um endereço. Não vou citar nomes aqui, mas essa busca de Keawe se repetiu por vários dias. Ele foi conhecendo novas pessoas, bem vestidas, em casas recém-compradas com carruagens ou belos cavalos na estalagem. Mas essas pessoas sempre o remetiam a outras pessoas e seus rostos ganhavam uma feição tensa quando ele mencionava que sua visita se devia a um determinado objeto.

Saber que todas aquelas pessoas se encontravam bem de vida, com boas casas e roupas era para ele um bom indício de estar no **ENCALÇO** da garrafa. Por fim lhe recomendaram que encontrasse um haole na rua Beritania. Era uma casa nova, o jardim recém-plantado, luz elétrica nos cômodos.

— Tem que estar aqui — pensou Keawe antes de bater à porta.

Um jovem muito pálido, **CALVO**, com olheiras e expressão abatida abriu a porta.

— Boa-noite, vim comprar a garrafa.

Ao ouvir aquela frase, o jovem se escorou na parede, assustado:

— A garrafa! Comprar a garrafa! — repetiu sussurrando.

Pegou Keawe pelo braço e o levou para dentro da casa. Encheu duas taças de vinho. Parecia fraco, suas mãos tremiam. “Talvez desmaiasse a qualquer momento”, pensava Keawe.

— Quanto ela está valendo agora? Qual o preço?

— O preço? Por que quer saber o preço?

Keawe se apresentou e explicou rapidamente sua situação. O jovem pálido então disse:

— O valor da garrafa caiu muito desde então, senhor Keawe — disse o rapaz, falando para dentro.

— Certo, mas quanto foi que o senhor pagou por ela?

— Dois centavos — disse o rapaz.

— Então você só poderá vendê-la por um centavo! E quem a comprar não poderá mais vendê-la e ficará com a garrafa e seu diabo pelo restante da vida, até morrer e ir para o inferno!

— Sim, mas o senhor tem que comprá-la de mim, senhor Keawe! Eu estava louco quando a comprei, tomado pela ganância. Eu devia muito e teria ido para a prisão se não fosse a garrafa. Hoje vejo que a prisão seria melhor... Mas se o senhor comprá-la de mim, eu lhe darei esta casa e tudo o que consegui com a garrafa — o jovem morador daquela rua chique estava de joelhos.

Keawe mandou o rapaz buscar a garrafa e troco para cinco centavos. Recebeu numa caixa de madeira o já conhecido vasilhame de cristal e quatro moedas de um centavo. A primeira coisa que fez ao se apossar da garrafa foi dizer:

— Diabo da garrafa, quero me ver livre desta enfermidade.

E rumou para seu hotel.

Capítulo 6

Assim que entrou no quarto, despiu-se e examinou seu corpo. Estava curado e sua pele tinha uma aparência saudável, brilhante e **VIGOROSA**. Mas, assim como

a doença havia desaparecido, seu interesse pela bela Kokua também chegara ao fim. Agora Keawe só pensava que estava comprometido com o diabo para o restante da vida e também após morrer... E isso não era vida. Para ele, era como se as chamas do inferno já o chamuscassem onde quer que fosse. Estava condenado.

Ouviu sons agradáveis vindo do saguão do hotel e decidiu descer para saber o que era. Uma orquestra tocava e ele tentou se distrair um pouco mergulhando na música. A melodia o fez pensar em Kokua e ele mudou de ideia, voltando ao velho pensamento de que era preciso viver algo de bom no meio de tanta coisa ruim.

No dia seguinte pegou o primeiro vapor de volta ao lar e em alguns dias se casou com Kokua e foram viver na Casa Resplandecente. Na presença dela, ele se tranquilizava. Ela era linda e gostava de viver com ele. Keawe a admirava quando ela cantava pelos corredores e adorava sentar-se com a moça na sacada para conversar e admirar a paisagem. Mas quando estava longe dela, ele sentia **REMORSO** e sentia as chamas do inferno e o medo do encontro marcado que teria com o demônio. Muitas vezes chorava escondido e tinha que lavar o rosto antes de voltar a ver sua esposa.

Aos poucos, sem que Keawe percebesse, Kokua foi ficando mais triste e passava menos tempo com ele. A casa era enorme e muitas vezes ficavam um em cada canto, afastados. No início ele achou bom, porque tinha mais tempo para ficar sozinho e remoer seu sofrimento, mas um dia, sem querer, a descobriu chorando. Tiveram uma conversa franca. Ela disse que antes de casarem Keawe era um homem feliz. Todos comentavam que vivia sorrindo e cantando em sua mansão, mas, após o casamento, sua cara estava sempre preocupada e ele não cantava mais.

Keawe então contou tudo para ela sobre a garrafa, desde o princípio. E disse que preferiu ir ao inferno a ter que perdê-la.

— Você fez tudo isso por mim, meu amor? — disse a moça, abraçando seu marido.

A moça disse que faria de tudo para salvá-lo do inferno, mas que, se não conseguisse, não se importava de acompanhá-lo também, pois ela o amava tanto que era capaz de morrer por ele.

— Mas, querida, sua morte não poderia me salvar.

— Olha, amor, eu estudei no melhor colégio de Honolulu, sou uma garota esperta. Sempre fui boa em matemática. Vou arranjar um jeito de lhe salvar. Eu sei

que na Inglaterra existe uma moeda que equivale a meio centavo de dólar. E na França existe o cêntimo, cinco cêntimos valem um centavo de dólar. Vamos pegar um barco amanhã mesmo para a Polinésia Francesa e lá poderemos arrumar até quatro compradores para a garrafa!

Os dois se beijaram. No dia seguinte ela estava alegre como um passarinho e já arrumava as malas para a viagem. Escolheu as melhores roupas, porque deveriam causar uma boa impressão, assim as pessoas acreditariam na história da garrafa. Foi uma viagem agradável até aquelas ilhas paradisíacas mais ao sul do Oceano Pacífico.

Na bela cidade de Papeete, resolveram alugar uma casa em frente ao consulado britânico e passaram a **OSTENTAR** uma riqueza que vinha fácil até eles, fruto da ousadia de Kokua, que influenciava seu marido a pedir dinheiro ao diabo. Em pouco tempo aprenderam a língua do Taiti e se sentiram seguros para negociar a garrafa. Não era fácil oferecer um objeto tão poderoso por quatro cêntimos e ainda por cima explicar seus perigos. Alguns possíveis compradores começavam a rir, outros tinham medo ou simplesmente pensavam que se tratava de um golpe e deixavam o casal falando sozinho. Em pouco tempo eles eram evitados por todos os habitantes da ilha. Os católicos faziam o sinal da cruz ao vê-los, as crianças (advertidas pelos pais) fugiam e as pessoas em geral se desviavam deles na rua.

Os insucessos foram deprimindo os dois, que agora passavam boa parte do dia quietos, sem ânimo para tentar convencer outras pessoas. Kokua já não cantava e eles não tinham prazer em compartilhar seus momentos juntos. Era comum que ele a escutasse chorando. Um dia a moça acordou no fim da noite e percebeu o **LEITO** vazio e frio. Keawe não estava. Na fraca luz da lua ela percebeu a garrafa no chão. Escutou um barulho vindo de fora. Parecia um bicho. Foi até o pátio e viu seu marido caído, com a boca no chão. Ele soltava gemidos terríveis. Ela teve vontade de ir até ele para ajudá-lo e consolá-lo. Mas depois refletiu e decidiu não tocá-lo, pois Keawe sempre fora um homem valente e não iria gostar de saber que ela o tinha visto naquele estado.

Mas teve uma ideia. Pegou as moedas que serviriam de troco para uma eventual negociação e saiu de casa. O vento soprava seus cabelos e a lua tinha sido encoberta pelas nuvens, deixando a cidade ainda mais escura e quieta naquele final de madrugada. Encontrou um velho mendigo e propôs a venda da garrafa.

— Ah, você é a bruxa estrangeira que todos falam que anda por aí atrás da alma das pessoas. Pois saiba, moça, que não vou vender minha alma.

Então Kokua contou toda a história de Keawe e propôs que o mendigo pegasse quatro cêntimos dela e fosse até a casa de Keawe comprar a garrafa e voltasse até ela.

— Eu prometo que lhe compro de volta por três cêntimos.

— Qual a vantagem disso?

— A vantagem é que assim meu marido ficará livre dessa maldição. Eu o amo o suficiente para livrá-lo do inferno.

O velho foi até a casa. No momento em que ficou sozinha, Kokua se sentiu a última das criaturas, sentiu o calor do inferno assando sua vida. Tremia como uma criança assustada. Quando o velho voltou, trazia a garrafa nas mãos.

— Seu marido vai ter paz agora.

— Tenho aqui o seu dinheiro, os três cêntimos. Mas, se você quiser fazer algum pedido ao diabo, eu espero.

— Prefiro não pedir nada — explicou o mendigo. — Já sou um velho infeliz e não desejo me comprometer com o demônio.

Ela começou a chorar e o velho mendigo então propôs ficar com a garrafa, já que era velho, assim salvaria a vida do casal. Mas Kokua era uma mulher de palavra e comprou a garrafa de volta. Escondeu-a sob o vestido e foi para casa. Agora era a vez dela viver oprimida pela presença e pelo poder do mal em sua vida.

No outro dia, Keawe acordou no final da manhã com um bom humor incrível. Sorria, cantava, dançava, falava alto e sem parar. Sua esposa estava triste e aflita pelo compromisso assumido com o diabo. Tentava disfarçar e evitava contato com o marido. Mas ele não notava nada, pois estava eufórico. Contou para Kokua sobre o velho, sobre a garrafa.

— Estamos livres! Livres, meu amor! Vamos voltar ao Havaí e retomar nossas vidas. Aquele velho foi muito estúpido! Já era difícil vender a garrafa por quatro cêntimos, mas por três será impossível — dizia envolvendo a mulher e a enchendo de beijos.

Angustiado e deprimido, ela ainda tentou defender o velho:

— Ele pode ser uma alma boa, alguém que fez uma boa ação, amor.

— Que nada, ele foi estúpido. Por três cêntimos! Não vai vender nunca! Vai morrer e ir para o inferno.

Ela queria gritar, estava escondendo do marido que agora era portadora da garrafa e que teria que vendê-la por inimagináveis dois cêntimos. Sua agonia

era dupla, pois, além de conviver com o diabo, tinha que esconder sua angústia do marido.

— Meu querido Keawe, penso que você não deve rir dessa pessoa que comprou a garrafa. Afinal, ela lhe salvou e sua salvação foi a condenação dela. Penso que você deveria rezar por ela.

— Não, isso é bobagem! Ele comprou porque quis, por ser ganancioso. Sabia dos riscos. Não vou sentir pena desse estranho e você não deve sentir também. Deve ficar contente porque agora estou livre! Estamos livres!

Quando ficou sozinha, Kokua refletiu e seu ato de heroísmo parecia agora uma grande estupidez. Seria quase impossível vender a garrafa por dois cêntimos, ainda mais no Havaí, onde as pessoas nem conheciam aquelas moedas. Além disso, seu marido não sabia de sua façanha e não poderia ajudá-la a lidar com a posse da garrafa.

À tarde e no dia seguinte, Keawe quis passear com ela, mas ela se sentia desanimada.

— Estou doente, sinto-me fraca e sem vontade de fazer nada. Vá sozinho, vou ficar em casa repousando.

— Você está assim porque se sente culpada em relação ao destino do velho que comprou a garrafa, não é? Em vez de ficar contente porque seu marido está salvo, você prefere sofrer por um estranho! Seu coração é desleal, Kokua! — gritou Keawe ao sair batendo a porta.

Capítulo 7

Furioso e magoado, Keawe passou o dia vagando pelas ruas da cidade, até encontrar uns conhecidos e resolver entrar num bar e começar a beber. Um dos seus companheiros de **FARRA** era um Haole de natureza bruta, que tinha sido marinheiro em uma baleeira, caçador de tesouro, presidiário em várias prisões e foragido da justiça em muitos países. Era um homem vulgar que gostava de beber até cair e ver seus companheiros igualmente bêbados. Por isso se empenhava em abastecer Keawe com taças e taças de vinho e de outras bebidas alcoólicas de modo que logo ficaram sem dinheiro para continuar bebendo.

— Ei, você! Está sempre dizendo que é rico e que tem uma garrafa mágica e outras bobagens desse tipo. Pague mais cerveja para nós!

— É verdade, sou rico e quero comemorar! Vou até minha casa pegar mais dinheiro com minha mulher. É ela que guarda e cuida das minhas **FINANÇAS**.

— Ah, mas esse sistema não é bom, companheiro! — disse o ex-matador de baleias. — Nunca confie seu dinheiro a uma mulher! São todas falsas como Judas.

Irritado como estava com Kokua e influenciado pelos vapores do álcool, aquela frase causou um grande impacto no havaiano, afinal, desde sua salvação, a mulher havia ficado muito triste. Algo estava acontecendo. Decidiu voltar para casa para buscar mais dinheiro. Quando chegou ao lar, entrou no pátio sem fazer ruído e espiou por uma janela. Viu Kokua sentada numa poltrona com o olhar perdido e uma cara triste. Na mesinha da sala brilhava a garrafa branca.

Foi um choque para Keawe e na hora ele entendeu tudo. Soube que ela havia se sacrificado por ele, mas que agora isso a consumia. Fez barulho, para dar tempo a ela de esconder a garrafa, e entrou em casa lentamente. Quando chegou à sala, ela já havia escondido o vasilhame.

— Oi, amor, estive no bar bebendo. Encontrei uma rapaziada muito engraçada. Voltei apenas para buscar mais dinheiro e voltar a beber. Espero que você não se importe.

— Acho que você merece se divertir — ela disse.

Mas Keawe, na verdade, não tinha mais vontade de beber. Agora estava preocupado com sua esposa. Ela havia tramado a venda da garrafa para o velho e depois a comprara de volta. Ele precisava dar um jeito nisso. Vê-la sofrer daquele jeito e saber que ele era a causa do sofrimento o deixava muito mal.

— Queria lhe pedir desculpas pelo que falei hoje de manhã — disse ele com uma voz carinhosa — e por sair daquele jeito. Eu sei que você só quer o meu bem.

Ela sorriu. Ele a abraçou, pegou o dinheiro no baú e voltou para o bar. Entre o dinheiro que pegou, estavam três moedas no valor de três cêntimos.

— Minha mulher deu a alma por mim. É uma prova enorme de amor e fidelidade. O mínimo que posso fazer é livrá-la desse **FARDO**, já que fui eu quem a colocou nisso — pensava Keawe.

— Minha mulher está com a garrafa, se quiser continuar bebendo vai ter que me ajudar a recuperá-la.

— Tudo bem — disse o velho marinheiro.

Keawe deu a ele dois cêntimos e disse que batesse à porta da casa e perguntasse pela garrafa, dizendo que gostaria de comprá-la.

— Mas não diga que me conhece, nem toque no meu nome — recomendou Keawe.

— Você está me gozando, né? Tudo isso é uma piada para zombar de mim.

— Não é não. É tudo verdade. A garrafa tem que ser comprada por dois cêntimos. Depois de comprá-la, você pode pedir o que quiser para o diabo, uma garrafa de rum, um barco, dinheiro... O que quiser! Quando você trouxer a garrafa aqui, eu a compro por um cêntimo.

O marujo coçou o queixo e disse desconfiado:

— Tudo bem, eu vou. Mas se for um golpe ou uma piada, vou enfiar a mão na sua cara!

— Não é golpe, nem piada. É tudo verdade.

Enquanto esperava sozinho, Keawe lembrou o quanto gostava de Kokua e como queria livrá-la da maldição da garrafa. Não havia passado mais do que meia hora, mas para ele eram horas de espera, quando ouviu passos ruidosos e uma voz bêbada cantando na madrugada. Era seu amigo. Trazia duas garrafas, uma de rum na mão direita e a conhecida garrafa branca na mão esquerda.

— Meu amigo, essa garrafa é uma maravilha! É a mãe de todas as garrafas! Não sei como eu a comprei por apenas dois cêntimos que nem meus eram! Só sei que não vou vendê-la por um cêntimo nunca!

— Como é que é?

— Não vou vender, Keawe! Agora a garrafa é minha! É uma coisa maravilhosa! É minha!

— Mas você precisa saber que, se morrer na posse dela, vai para o inferno!

— Não tem problema, amigo! Porque é pra lá que eu vou com ou sem garrafa. Já fiz muita maldade nesta vida. Matei baleias, maltratei mulheres, abandonei filho pequeno, matei, roubei... Mereço o inferno.

— Olha, para o seu próprio bem, venda essa garrafa para mim por um cêntimo. Está aqui a moeda — dizia Keawe com sinceridade.

— Não vendo. Ela é minha. Se quiser, eu lhe dou um gole deste rum, mas a garrafa é minha. Não sou bobo de perdê-la. Vou ficar com ela até o fim. Muito obrigado por tudo. Boa-noite!

E saiu cantando e bebendo pelas ruas escuras, abraçado nas duas garrafas. Por alguns minutos Keawe olhou incrédulo, até que o velho marujo desaparecesse

na noite, e depois correu como o vento até sua casa e encontrou seu amor com o rosto aliviado. Abraçou sua mulher com força e carinho e contou toda a história. Tiveram um restante de noite muito feliz. Voltaram para o Haváí e puderam viver em paz na Casa Resplandecente.